

No Estuário da Saudade

J. C. Alencar Araripe

Mozart Soriano Aderaldo

“Gosto de conversar. Creio que nisto ninguém me leva a palma. Considero, mesmo, a conversação uma espécie de gênero literário. Por sinal ingrátíssimo, pois nega a glória a seus seguidores.” Foi a resposta de Mozart Soriano Aderaldo, agora falecido, à indagação de qual o seu passatempo preferido. É o que leio em “Os 40 da casa do Barão”, da autoria de Rubens de Azevedo.

Pode não assegurar a glória aos que a praticam, mas a conversação, bem articulada como a de Mozart, constitui um agradável centro de interesse no processo interpessoal da comunicação. Por isso mesmo, guardamos do companheiro desaparecido lembranças muito fortes das reminiscências que nos transmitia, ao primeiro dedo de prosa. Tinha de ser assim. Fora testemunha de acontecimentos relevantes e desfrutara da convivência com variada gama de personalidades.

O gosto de conversar habituou-se a fazer da sua presença na tribuna acadêmica um prolongamento erudito do passatempo preferido. Quase sempre assim procedia. Não lhe era comum o arrebatamento oratório. Palestrante ou conferencista, deleitavamos a sua prosa coloquial. Alteava a voz quando expressava princípios, defendia doutrina, exaltava a cidade e condenava os desvios e abusos que em seu nome eram perpetrados.

Tinha memória prodigiosa. Não me recordo de vê-lo papel à mão com anotações que o orientassem. Claro que mentalmente traçara o seu roteiro. Não ia além disso.

Foi sempre assim, na Academia Cearense de Letras, no Instituto do Ceará, no Náutico Atlético Cearense e outros cenários que freqüentava. Não prescindia de discurso escrito, é evidente, que se impõe, em certas ocasiões, como dever do protocolo. Então, oferecia-nos uma peça à altura da inteligência e da cultura de que era detentor.

Mozart Soriano Aderaldo desenvolveu ação intensa em setores diferentes de atividade. Foi jornalista, advogado, consultor jurídico, escritor, professor. Doutorado em Direito Público e Técnico em Administração, haveria de ocupar, pois para isso se credenciara, cargos de relevo, entre os quais o de Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, a que presidiu em 1973. Admirável como conseguia conciliar tempo e disposição para afanosos labores e a vida associativa. Foi um dos fundadores do influente Grupo Clã, pontificou a Academia Cearense de Letras e ultimamente era seu 1º vice-presidente; deu muito de desvelo ao Instituto do Ceará e, com justiça, ocupou a presidência, a que emprestou o realce do seu talento; pertenceu à Associação Cearense de Imprensa e integrou a diretoria em mais de uma gestão; serviu à Santa Casa de Misericórdia e vivenciou com entusiasmo o movimento rotariano.

Alentada, a produção literária de Mozart e que se diversifica pela crítica, ensaio, memória histórica e genealogia. Escreveu vários livros e vasta foi a sua colaboração em jornais e revistas. Consagração no magistério veria com a láurea de professor Emérito da Universidade Federal do Ceará. A oração que então proferiu foi, possivelmente, o seu canto do cisne. Alquebrado, com o estado de saúde deteriorando-se, mas ostentando inquebrantável fortaleza moral, que tanto o distinguia, Mozart deu aula magistral, em que reafirmou conceitos e sustentou teses sobre o destino do homem e a organização social e educacional num mundo carente de valores espirituais.

O sufrágio de 7º dia de Mozart foi celebrado quando a liturgia, em missa comum, relembra Pedro e Paulo. Entre as leituras do ritmo da palavra, estava a segunda carta do Apóstolo de Damasco

a Timóteo, com estas expressões que atravessaram os séculos: “Combati o bom combate, completei a corrida, guardei a fé.”

Católico fervoroso, de comunhão freqüente, não terá sido essa, no íntimo, a última mensagem de Mozart?

Murilo Mota

Murilo Mota faleceu em Fortaleza no dia 19 de junho de 1995 com 79 anos. Terminava uma jornada que se iniciara a 16 de janeiro de 1916 em Ipu, de onde também era natural a sua mãe, que ali se consorciara, na idade de 16 anos, com Leonardo Mota, nascido em Pedra Branca.

À semelhança do pai, Murilo trilhou, entre outros, o caminho das lides jornalísticas, coincidentemente no mesmo jornal em que atuara Leota, o “Correio do Ceará”, e exerceu idênticas funções: durante 30 anos foi editorialista. Inteligência privilegiada, espírito arguto, observador percuciente, possuidor de invejável cultura, deu ao desempenho da sua incumbência na imprensa proficiência e brilho invulgares. Não é de admirar, assim, que o único livro de sua autoria – “A Casa de Minha Mãe” encerre não só lembranças amoráveis de menino travesso que percorrerá quintais e sítios da vizinhança de Rocinha, em Joaquim Távora, mas contenha, igualmente, manifestações da fase da razão e da maturidade com enfoque da problemática de natureza urbanística na evolução da cidade.

O bairro de Joaquim Távora recebera esse nome em homenagem ao bravo revolucionário cearense morto em São Paulo, no decorrer da revolução de 1924. Antes, tivera outras designações, como a de Estação, porque nele a Ceará Tramways Light levantou enormes galpões onde os bondes eram recolhidos à noite e de onde saíam no alvorecer do dia.

Do bonde, Murilo Mota guardou adoráveis reminiscências e fixou a convicção da sua serventia à população. Daí, a veemência com que condenou a extinção desse transporte em Fortaleza,

quando por aí a fora se procedia justamente ao contrário do que aqui se fazia. “Qualquer grande cidade do mundo – diz ele – adaptou os seus bondes ao tráfego urbano, mas não conheço nenhuma delas que os tenha extinguido. Seríamos nós, os tupiniquins de Fortaleza, a cometer essa imperdoável mancada”.

Em 1956, nas impressões da primeira viagem que empreendi à Europa, mostrei-me surpreso diante dos bondes que circulavam por toda parte. A guerra deixara no seu rastro destruição de vastas dimensões, mas os bondes foram dos primeiros serviços a ser restaurados. Na capital cearense e nas demais metrópoles do Brasil, a mentalidade rodoviária imposta pelos Estados Unidos prevaleceu sobre o bom senso revelado no Velho Mundo, e que subsiste até hoje. No ano passado, estive em Bruxelas, centro internacional de ressonância. A modernidade contrasta com os gostosos ares provincianos do centro da capital cruzado por diferentes linhas de bonde.

Mutilo Mota cita Jaime Lerner, hoje, Governador do Paraná, depois de duas vezes prefeito de Curitiba, e que é, sem favor, urbanista de nomeada: “A perda do bonde foi uma tragédia (...) para a maioria das cidades brasileiras. Por incrível que possa parecer, o transporte do futuro vai ser o bonde.” Murilo Mota, morreu nessa ilusão; eu, pessimista embora, insisto nem que seja para perder.

Seria mesmo o caso de insistir? Neste mundo que se transforma a ritmo alucinante e em termos de globalização, é uma temeridade avançar o sinal quanto aos dias vindouros. Ainda agora, leio num jornal a profecia de que o automóvel será, um dia, coisa do passado. A fim de evitar o congestionamento urbano, que não se torna insuportável, a tendência aponta para a utilização de trens rápidos, subterrâneos ou de superfície. Os bondes do século 21, para não afrontar Lerner e Murilo Mota.

Tenho diante de mim “A Casa de Minha Mãe”, um dos livros que mais me sensibilizaram. Sem pretensões a crítico literário, mas afeito aos labores jornalísticos, minha intenção, logo que terminei a sua leitura, era traduzir em desprezioso comentário a minha

lisonjeira impressão da obra. Não o fiz, porém, a tempo de alcançar em vida o seu autor, o jornalista e advogado Murilo Mota, que há pouco partiu para a grande viagem.

Na época em que a Senador Pompeu era a rua dos jornais – “O Povo”, “Unitário”, “Correio do Ceará”, “O Estado”, “Gazeta de Notícias”, “Democrata” e ainda o “Diário Oficial do Estado”, encontrei-me várias vezes com Murilo Mota, a fazer o percurso entre a sede dos órgãos associados e o Instituto de Previdência do Estado do Ceará. No “Correio”, era o primoroso editorialista, um dos melhores a pontificar entre nós; no IPEC, exercia as funções de Consultor Jurídico e depois ocupou a Presidência; por último, foi Procurador Fiscal do Estado.

O lançamento de “A Casa de Minha Mãe” ocorreu numa das mais prolongadas e memoráveis sessões do Instituto do Ceará, que se seguiu à celebração de missa na Matriz do Carmo. As duas cerimônias, concorridíssimas, comemoravam o centenário de Leonardo Mota, a 10 de maio de 1991.

De Mozart Soriano Aderaldo, já na nossa saudade, ouvimos minucioso depoimento, ele que conviveu com Leota e o conheceu de perto; tocante, a oração proferida por Mimosa, filha única do autor de “Cantadores”, o primeiro e maior livro do insigne folclorista, na opinião de Murilo Mota.

A reverência à memória de Leota, de modo tão expressivo, desfazia a sugestão inicial diante do título “A Casa de Minha Mãe”. D. Luizinha, como carinhosamente a tratavam, é projetada em toda a sua grandeza e generosidade, mas não se amesquinha a figura do pai. Este cumpria a sua destinação como conferencista e pesquisador das coisas do sertão, elaborando obra de inestimável valor que o futuro consagraria; ela, D. Luizinha, dava sustentação afetiva à família, cuidava zelosamente dos filhos, todos, afinal, bem encaminhados na vida.

Murilo Mota não oculta nada, não esconde as dificuldades enfrentadas. O dinheiro não era fácil, mas, assinala, nunca nos faltou o repasto e o pospasto. Não havia comida abundante, mas

sua mãe sempre arranjava um jeito de assegurar a sobremesa. Na Rocinha, assim se chamava a “mansão mística, orlada de terrenos”, no bairro de Joaquim Távora, fazia até o milagre de acolher os parentes que se socorriam de seu amparo e hospedagem.

Murilo Mota lembra que certa vez indagaram a Eisenhower quem era o homem a quem mais admirava. Ele respondeu que era sua mãe, que não tinha cultura mas tinha intuição. “O caso exato de minha mãe, portadora desse atributo moral a que nenhum outro se compara”. Mas quando o pai anunciava a chegada de qualquer das suas freqüentes ausências, a Rocinha toda se alvoroçava. Filhos e a mãe, compreensiva e carinhosa, acolhiam, exultantes, o Leota de tantas andanças e deslumbramentos folclóricos.

“A Casa de Minha Mãe” é um rico e emocionante repositório de reminiscências familiares e da cidade de Fortaleza. Murilo Mota trouxera do jornalismo que praticara um estilo objetivo, claro e envolvente. O memorialista soube, por isso mesmo, presentear-nos com um livro que é uma beleza.

As cidades não evoluem de maneira uniforme. Existem áreas privilegiadas pela localização e favorecidas por acidentes que lhe dão relevo; outros trechos conhecem períodos de prosperidade e depois decaem à falta de perspectiva; há deles que param no tempo apesar do papel saliente que representam como caminho de viandantes. Em Fortaleza, Joaquim Távora está nessa última categoria.

Murilo Mota qualifica-o de bairrozinho pé-de-chinelo. Não tinha beleza, mas a sua via-troncos era bizarra. Por ela desfilavam os vendedores e feirantes que vinham de Messejana e mais além. Os primeiros atendiam às residências; os segundos destinavam-se ao Mercado Público em alimárias que feriam com os cascos as pedras do calçamento, acentua Murilo, aliando-se aos galos de quintais como despertadores da madrugada.

A família de Leonardo Mota viveu em Joaquim Távora um mundão de anos, desde 1922 até 1963. Mudava de casa, mas não trocava de bairro. D. Luizinha adorava-o porque assegurava o

abastecimento total com direito a pechinchas, sem necessidades de recorrer a bodegas e mercearias.

Quando concluí a leitura de “A Casa de Minha Mãe”, sai embalado para Joaquim Távora. Parecia que eu queria confirmar o que o Autor proclamara: o imobilismo do bairro, reduto de paredes-meias, beira-e-bica, dormitando pregado ao chão. “Fenômenos decisivos do desenvolvimento urbano, como o loteamento e o prédio de apartamentos, custaram-lhe tanto como se nunca houvessem chegado ali”. E era isso mesmo, verifiquei à casa onde funcionou o Suerdick, de animadas vesperais dançantes nas tardes de domingo.

“Possuía, – depõe Murilo – quando ainda mantinha escritório de advogado, obra de autor americano sobre o tema da avaliação imobiliária, na qual esse perito anunciava a regra de que nas cidades litorâneas, o desenvolvimento urbano se faz sempre para o leste, na direção do sol nascente. É o que tem acontecido em Fortaleza, como mostra a sua história. A cidade nasceu em torno de um riacho, o Pajeú. E depois da concentração do núcleo junto à Fortaleza, foram os bairros litorâneos que se desdobraram em direção ao Mucuripe, a partir da antiga Praia do Peixe, hoje de Iracema. Sob o bafejo das ondas, a urbe caminhava para outro curso d’água, a foz do Cocó. Ultrapassada esta, no decorrer do século, a meta tornou-se outro riacho, a foz do Pacoti, não superada ainda. Em nosso jogo de amarelinha, saímos pulando de corrente a corrente, sempre para o nascente. Aproveito a oportunidade para uma explicação. A denominação de Praia do Futuro foi dada por mim, quando editorialista do “Correio do Ceará”. Mas o que eu queria dizer é que aquela era a praia do nosso futuro urbano, e não dar um nome definitivo a ela, sem sentido, aliás, para ser um nome próprio, para ter caráter toponímico. Mas o nome pegou e ficou. E a cidade foi atraída para o Mucuripe, como se na sua ponta houvesse sido plantado um ímã. A tentativa de urbanização a oeste, na barra do Ceará, foi débil. Coincidência?”

Seria de plena justiça que uma rua da Praia do Futuro recebesse o nome de Murilo Mota. Não é preciso retirar designações

já dadas. O crescimento da urbanização na citada zona é tão vertiginoso, que se não existir uma rua nova, logo mais surgirá, com certeza. Será uma iniciativa a que não se furtará, assim acredito, a Câmara Municipal de Fortaleza para reverenciar a memória de um devotado servidor da cidade, que despreziosamente previu o destino da bela orla marítima, apontada por inspirada publicidade como o pedaço de terra onde o sol nasce mais cedo...

Newton Gonçalves

“Prosa dispersa” não me obriga a leitura encadeada. Agrade-me até por esse aspecto. Sempre fui um indisciplinado no hábito de ler, talvez por influência da formação jornalística. No caso do livro, agora editado pela UFC, afeiçoa-me também o autor, Dr. Newton Gonçalves.

Conhecemo-nos na década de 40. Morávamos no mesmo quarteirão da Silva Paulet, onde residiram, por algum tempo, Parsifal Barroso e Airton Gondim Lóssio. Que intruso era eu! E que inconveniências não trouxera! O primogênito Otaviano, com as suas peraltices, lançavam uma corda fina do ficus-benjamim para o portão. As meninas do Dr. Newton não viam a armadilha, tropeçavam e caíam. Felizmente, não ficaram seqüelas do acidente.

A criação da Faculdade de Medicina aproximou-nos; ele era professor, eu, secretário. Não tardou que desse na vista do jornalista o médico que escrevia com primor. Abri-lhe as páginas do “O Povo”, do qual passou a ser um dos mais lúcidos e brilhantes colaboradores.

Apesar da cordialidade do relacionamento e da proximidade da idade, nunca o chamei senão como Dr. Newton, ao contrário do que acontecia com outro expoente da classe médica a quem tratava simplesmente pelo nome. Era o José Carlos Ribeiro, igualmente na nossa saudade.

“Prosa dispersa” integra a Coleção Alagadiço Novo e está dividido em duas partes: Temas Gerais e Temas Científicos. Na

primeira, deparando-nos com a variedade da temática, abrangendo oração acadêmica, estudos literários, notas do dia-a-dia, impressões de viagem. São os excessos do polígrafo, ele o confessa.

Gosto, imenso, do “turista vadio”, que se encanta, como eu me enfeiticei, com “a romântica e velha Heidelberg, jóia do vale do Neckar, o maior cartão postal colorido que eu vi na minha vida”. Sobre a capital da Suécia, para mim, uma encantadora visão, jamais esquecida, seu depoimento abrange o polo social: “Suavemente colorida, silenciosa, ordenada e limpa, Estocolmo não tinha favelas e ali nunca me foi dado ver um pobre”. Lembrei-me de gostosa crônica sobre Estocolmo, lida num jornal carioca, em que o seu autor exclamava: “Vi uma mosca! Vi uma mosca!”

A viagem tinha, às vezes, perspectiva sentimental para Dr. Newton, como a que empreendeu, na companhia da diletta esposa Maria Alice, à região de Galiza, na Espanha, à procura de descendentes dos Lousadas Gonçalves, um dos quais aportou, um dia, em Acaraú e ali se deixou seduzir pela hospitalidade da terra: era o bisavô do Dr. Newton. “Não houve como deter aquela avalanche de carinho e de amizade”.

Deleito-me com “Prosa Dispersa”, avanço na leitura e encontro às tantas: ... “Embora me divertindo com as letras, jamais pensei em dedicar-lhes o tempo integral exigido aos seus cultores”. E quando estava para lamentar que assim tenha ocorrido, deparo-me com esta confissão definitiva: ... “Permitam-me dizer ‘se tivesse de reviver esta vida, queria vivê-la com igual pendor e com os mesmos erros e paixões’ ”.

“Eu adoro cartas e na esperança de recebê-las muitas, e todos os dias, até já aluguei uma Caixa Postal”, confessa o Dr. Newton Gonçalves no seu livro “Prosa dispersa”. E acrescenta: “Vejo nas cartas mensagens a nós mesmos, espécie de espelhos de papel onde se refletem estados íntimos do espírito e do coração. Explica-se, assim, por que às vezes escrevemos cartas que nunca são postadas, não é verdade?”

A epistolografia não me motivou. Salvo as exceções de regra, cartas eu as mandava à minha mulher quando das freqüentes viagens pelo Brasil e pelo exterior. Do valor que encerram para ela diz bem o carinho com que as conserva. Mas adorava as cartas de casa, que me levavam a forte emoção.

Paulo Bonavides, com quem segui para a Europa em 1956, observava em Paris: O Araripe é interessante: chora na Embaixada quando lê, pela manhã, as cartas de esposa; à noite, está no Folies Bergères; no dia seguinte, vai a Basílica de Lisieux.

Com relação ao Dr. Newton Gonçalves, fui um privilegiado: enviava-me correspondência com freqüência. Ora abordava problemas da cidade ou, mais particularmente, do setor em que atuava; outras vezes, pinçava fatos curiosos e derramava sobre eles as luzes do homem culto e viajado.

Em 19 de dezembro de 1979, enviava-me esta carta:

“Prezado Araripe: Volto à sua presença para fazer uma referência às ingênuas observações de uma educadora norte-americana sobre os muros de Fortaleza. Trata-se de impressão de viajantes apressado que às vezes julga um país ou uma cultura pelo cardápio padronizado de uma excursão turística.

Muros altos já existiam em Roma... e os casarões coloniais e do império eram cercados de muros, alguns encimados por uma fileira de telhas e até de cacos de vidro! A professora deve ler alguma coisa de arquitetura, de sociologia, principalmente. Caso contrário ficará muito surpresa com os igloos dos esquimós... Muro alto surpreende a quem vive cercado de gramados. Que terá pensado a professora sobre a nossa atual predileção pelas casas de vidro?

Desculpe-me se lhe tomo o tempo com bobagens. Estou gozando férias... Um abraço do...”

Não consigo esconder o espanto diante do manuscrito de 20 de janeiro de 1978: sete folhas! Na sua letreirinha apumada, como encontrava tempo e paciência para tanto? Conscientizara-se

de que chegara a hora de ar um balanço na cultura cearense, seus problemas e suas perspectivas.

O espaço de que disponho não me permite alongar-me. Ademais, a realidade alterou-se e certas indicações não têm mais o cabimento que encontravam em 78. Mas num ponto quero deter-me. Envolve uma sugestão, felizmente concretizada, e que aqui é aflorada para evidenciar a visão do Dr. Newton: a TV Educativa devia fazer algumas concessões à publicidade inteligente e bem dosada para a obtenção de recursos financeiros.

Uma carta do Dr. Newton sensibilizou-me sobremaneira. Aposentara-me no magistério da Universidade e não pertencia mais ao corpo burocrático. Realçou com generosidade os bons serviços que prestara à UFC, sobretudo como Secretário da Faculdade de Medicina; se me escapara a cátedra universitária, frisara ele, continuaria na cátedra bem mais ampla do jornal o ministério da informação e da opinião.

Creio que não o decepcionei, tanto que o meu nome figura entre os seus homenageados no pórtico de "Prosa Dispersa".

É muito agradável quando a gente encontra, em livros, jornais ou revistas, idéias que com as nossas coincidem e dão-lhe mais consistência até. Apaixonado pela leitura, onde se busca conhecimento, ilustração e divertimento, insisti, numa conferência, na tese de que o livro é também um instrumento de lazer, de cujo alcance poucos se apercebem. E insisti na palavra lazer porque é um termo da moda e muitas pessoas parecem concentrar em torno dele o objetivo maior da vida, apesar da expressão de superficialidade que evidenciam.

Depara-me em "Prosa dispersa", do Dr. Newton Gonçalves, com este desabafo: "A leitura é para mim um motivo de prazer; é também uma terapia". Confessa que os livros lhe proporcionam uma atmosfera sedativa. E afirma: "Com seus personagens viajo, aplaudo, rio, choro, vaio, zango-me, perdôo. E tudo termina na paz do Senhor. Ler é bom para os nervos."

Os médicos e os alunos da Faculdade de Medicina dar-se-ão bem na companhia do Dr. Newton Gonçalves. Se não tiverem

afeições a outros textos iluminados de humanismo, fixem-se em Temas Científicos, a segunda parte do livro. Encontrarão páginas que deleitam e encerram sabedoria.

Membro da Academia Cearense de Letras, foi muito requisitado nos círculos universitários, nas entidades culturais, em ambientes sociais onde havia quem se deleitasse com a palavra espirada e a frase conceituosa. Daí, a sua presença em abertura de cursos, aulas de saúde e promoções de instituições científicas.

“Louvação dos bichos” é o título da aula magistral com que abriu os cursos da Escola de Veterinária do Ceará em 1972 e homenageou Konrad Lorenz, a quem qualificou de grande amigo dos animais, Prêmio Nobel de Literatura e autor do interessantíssimo livro “Falava com as bestas, as aves e os peixes”. Das suas andanças de “turista vadio”, a lembrança de haver encontrado uma “onça pitada do Ceará”, doação de antigo cônsul britânico em Fortaleza, no Jardim Zoológico de Londres, na sua opinião, um dos grandes centros de estudo de história natural do mundo. Viveu o bastante para ver concretizar-se uma das suas sugestões: funcionamento de clínica moderna especializada em cães, embora reconhecesse – dissera-o em crônica – “ser luxo literário que se não deve ousar falar de morte de plantas ou de bichos em terra onde as crianças pobres morrem como bichos”.

Homem de sólida cultura, abeberada na fonte porque dominava vários idiomas, freqüentou hospitais da Inglaterra, Alemanha e Suécia e conviveu com figuras exponenciais. No Ceará, Dr. Newton Gonçalves, um dos fundadores da Faculdade de Medicina, foi pioneiro da cirurgia pediátrica e, com Paulo Machado e Haroldo Juaçaba, pioneiro, igualmente, da cirurgia pulmonar e cardiovascular.

Ao invocar o nome de Paulo Machado, ocorre-me a lembrança de um fato constrangedor: ao ler um jornal da terra, deparei-me com um trabalho do Dr. Newton Gonçalves sobre o colega que faleceram. Circundava-o o indicativo de matéria paga, de publicidade. Botei a mão na cabeça e exclamei: Meu Deus! Um artigo do Dr. Newton Gonçalves era para ser disputado, sobretudo-

do, se versava sobre uma das personalidades mais brilhantes da classe médica e com serviços inestimáveis ao Ceará e seu povo.

É lamentável a insensibilidade jornalística, nesse, como em outros casos. A não ser quando há a marca de tragédia, crime ou desastre, não se dá a devida atenção à notícia de conteúdo humano. Violenta-se uma das regras mais antigas do jornalismo, que acatei, inicialmente, por intuição, depois em face das lições dos mestres, o primeiro dos quais foi F. Frazer Bond, um clássico do jornalismo, com lições esplêndidas, ainda hoje de ressonante atualidade.

Regozijei-me com “Prosa dispersa”, pelo livro, em si, uma incursão na densa floração intelectual do Dr. Newton Gonçalves, e pela oportunidade a mim oferecida de invocar figuras que me acostumei a admirar, enquanto vivas ou no panteão da saudade.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Rubens. *Os 40 da Casa do Barão*. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1993. 293 p.

GONÇALVES, Newton. *Prosa dispersa*. Fortaleza: UFC–Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1995. 335p.

MOTA, Murilo. *A Casa da minha mãe*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1991. 186p.